

O MODELO TRINITÁRIO COMO POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO E DA PAZ*

** Bacharelado em Teologia
pelo ITESP.

Rogério Gomes**

Resumo:

Gomes elabora uma reflexão tendo em mente o diálogo interreligioso especialmente na pós-modernidade. A Trindade é apresentada como o paradigma para se compreender o diálogo entre as diversas religiões. A Trindade é compreendida como comunidade e relacionamento e estes seriam conceitos importantes para se encontrar um ponto de encontro e elaborar a distância entre o cristianismo e outros credos religiosos. Todas as religiões teriam algo de verdadeiro a dizer para o mundo e poderiam ser instrumento de paz, especialmente em nosso mundo violento. A Trindade nos ensinaria a encontrar a nossa própria humanidade e a vida em abundância uma vez que está acima de todos os credos religiosos. Todas as religiões deveriam buscar a salvação do ser humano e encontrar a justiça, o amor e especialmente, a paz.

Palavras-chave:

Ecumenismo; Diálogo ecumênico; Trindade; Diálogo inter-religioso; Teologia trinitária

Abstract:

Gomes deals with the Ecumenical Dialog and Inter-religious Dialog, mainly in Post-Modern time. The author presents the Trinity as a paradigm to understand the dialog among different religions. Trinity is community and relationship, and these are important concepts to find out a midpoint and work out the

* Este artigo nasceu de um trabalho apresentado para a disciplina Ecumenismo e orientado pelo professor do ITESP Dr. Pe. Antônio Elias Silveira Leite e das inquietações ecumênicas e teológicas do próprio autor.

distance among the Christianity and others religious creeds. Religions have always something true and valuable to say to mankind and they could be instruments of peace, mainly in violent time and world like our one. Trinity, in this realm, teaches us how to find out our very humanity and the true life because Trinity is above all religious creeds. Religion has as main concern the human salvation and find out the way to Justice, Love and Peace.

Key words:

Ecumenism, Ecumenical Dialog, Inter-Religious Dialog, Trinity, Post-Modernity, Reform, Trinitarian Theology and Peace

INTRODUÇÃO

Pensar o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso a partir da Trindade é desafiante, pois este conceito, *a priori*, faz parte do Cristianismo, especialmente das Igrejas Históricas. Assim, o risco que se corre é partir de uma única óptica e não se abrir ao essencial, ao diálogo e incorrer no risco de elaborar um discurso, cuja finalidade seria *converter* os demais para *que todos sejam um*. Pensar dessa forma é emperrar e rechaçar qualquer tipo de relação, ainda mais, quando esta se refere ao núcleo central da fé. O diálogo só existe, quando todos são convidados a fazerem parte do *oikos*, sentam-se à mesa, descubrem a riqueza e a beleza de cada um e são capazes de chegar ao núcleo central, a fraternidade, visando o ser humano, para que este viva a plenitude de seu ser e consiga compreender o outro, através do olhar de transcendência. Esse olhar implica ir além dos empecilhos que as religiões criam para si mesmas, distanciando-se uma das outras, preocupando apenas com o seu mundo interno, construindo muros de contenção, a fim de se eximirem da responsabilidade de colocarem em prática o exercício da verdade. Nesse contexto, falar em verdade é ainda este assunto, mas o seu sentido último, está na frase de Jesus, *a verdade vos libertará* (Jo 8,32). A verdade só é possível, no momento em que se perscruta as entranhas da palavra, penetra no mundo do outro e dialoga com ele e chega ao essencial da busca, a verdade. Portanto, a verdade não é um conjunto hermético de idéias, mas abertura. Nesse sentido, surge a Trindade como possibilidade de diálogo ecumênico e inter-religioso. Não nos ateremos, neste caso, à dogmática trinitária. Conforme Immanuel Kant *a doutrina da Trindade, tomada literalmente, não tem relevância prática nenhuma, mesmo se pensamos que a compreendemos; e ainda é mais claramente irrelevante se realizamos todos os nossos conceitos. Se devemos louvar três ou dez pessoas na divindade não faz a menor diferen-*

¹ Citação de Kant, a partir de bibliografia de G. O. Collins. Cf. M. C. L. BINGEMER. *Crer e Dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo*. Em *ATUALIDADE TEOLÓGICA*, 5 (2001), p. 188; A. OTTEN, *Santíssima Trindade: entre o discurso abstrato e a experiência vivida*. Mimeo p. 1; L. BOFF, *A Trindade e a Sociedade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 33.

ça.¹ Queremos é discutir o caráter das relações que emanam desta realidade divina como possibilidade de criar um mundo novo. Não é possível mais, diante do fenômeno da Pós-Modernidade, com os seus desafios permanecermos inertes e presos a legalismos a impossibilitar a criação de uma cultura do respeito às diferenças, cujo objetivo único seja a Vida e a Paz. O diálogo é caminho para a Paz e, nenhuma religião deve-se eximir desse dever e, se apegadas aos seus fundamentalismos, promovem a morte em nome de um deus. Portanto, propor o modelo trinitário como possibilidade do diálogo ecumênico e inter-religioso e da Paz consiste em contribuir para esse processo, porque este contém elementos primordiais como a relação, o amor, a abertura, a unidade, a comunhão, a alteridade e o respeito ao diferente. Eis um caminho possível, depende somente do ser humano!

1. DOIS NÓS DE GÓRDIO: O FILIOQUE E AS DIVERGÊNCIAS ENTRE ORIENTE E OCIDENTE E A REFORMA

Duas situações complexas que abalaram a História da Igreja foram o cisma entre o Oriente e o Ocidente e a Reforma. A complexidade, além de doutrinal, estende-se no campo político, cujas agravantes repercutem até os dias atuais, embora atualmente os diálogos acerca das questões trinitárias entre Ocidente e Oriente têm adquirido significado prospectivo.²

² Cf. J. MOLTMANN, *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a Teologia*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 205.

1.1. O cisma entre Oriente e Ocidente: o Filioque

Desde o século IV, o diálogo entre Ocidente e Oriente vinha sofrendo interrupções freqüentes. O restabelecimento do Império Romano, em favor de um bárbaro, no ano 820, faz com que Bizâncio reaja reticente. Além das questões políticas, agrega-se um fator doutrinal, a questão do *Filioque*: o Espírito Santo procede do Pai e do Filho como um só princípio. O Credo de Nicéia-Constantinopla (381) tinha como fórmula: *creio no Espírito Santo que procede do Pai*. Posteriormente, as Igrejas espanhola e franca inseriram a terminologia *que procede do Pai e do Filho*. O imperador Carlos Magno se entusiasmou com esta última formulação e tinha como objetivo pegar os gregos em falta, escandalizados por ouvirem cantar esse *Filioque* pelos latinos de Jerusalém. Portanto, nessa discussão do *Filioque* estava também em causa a jurisdição do Bispo de Roma, em relação aos patriarcas orientais. O problema culminou, em 1054, no chamado cisma quando o legado papal, Humberto, deposi-

tou sobre o altar da catedral de Santa Sofia, em Bizâncio, um documento acusando os gregos de suprimirem o *Filioque*.³

³ Cf. P. PIERRARD, *História da Igreja*. São Paulo, Paulus, 2002, p. 86; L. BOFF, *A Trindade e a Sociedade*, op. cit., pp. 93-96; J. MOLTMANN, *Trindade e Reino de Deus*, op. cit., pp. 185-193.

1.2. A Reforma

Se o cisma causou rompimentos, o movimento reformista foi uma resposta ao modelo eclesiástico da Igreja Romana, embasado no conservadorismo, na hierarquia, na pretensão de ser detentora da verdade e da salvação do mundo: *extra ecclesia nulla salus*. Entretanto, não se pode afirmar que este foi apenas um movimento religioso, foi também político, realizado sob a égide de políticos que não concordavam com o poderio romano. Nesse sentido, a Reforma foi uma contestação dos valores teológicos, doutrinários, morais e políticos, embasados na escolástica e firmados pela Sé Romana.

Já os princípios básicos da reforma luterana se fundamentavam na Doutrina, Sagrada Escritura, na Eclesiologia e na Moral. Para Lutero, o homem era justificado pela fé e salvo pela graça divina. A Igreja tinha a missão de anunciar ao ser humano a Boa-Nova da Salvação, centrada na Escritura pela Fé; defendia o sacerdócio ministerial dos fiéis e os sacramentos se limitavam em apenas dois: Batismo e Eucaristia; a Escritura era a única autoridade e deveria ter livre interpretação; a Igreja era concebida como assembleia de fiéis e as indulgências eram ilegítimas, pois não se pode comprar a graça dispensada gratuitamente por Deus.

Além de Lutero, outros reformadores tiveram papel importante: João Calvino, Ulrico Zwinglio e Tomas Müntzer. Todos deram sua contribuição a partir da sua óptica e diferenciações, culminando num processo de ruptura.

1.3. Uma palavra do Magistério

O decreto *Unitatis Redintegratio* nos traz alguns dados sobre os cismas ocorridos no passado. Vale lembrar que aqui se trata da visão da Igreja Católica Romana Ocidental sobre o cisma do Oriente e acerca da Reforma. Afirma que as primeiras divisões sobrevieram do Oriente por contestação das fórmulas dogmáticas estabelecidas em Éfeso e Calcedônia e pela ruptura da comunhão entre os Patriarcados orientais e a Santa Sé. A outra, foi ocasionada pela Reforma. O Documento sugere uma prudente ação ecumênica.⁴ Significa, de fato, buscar uma compreensão mútua dos pontos comuns e, por meio deles, promover a paz entre as religiões.

As fórmulas mencionadas são as trinitárias e as cristológicas. O documento relembra que as divisões contrariam a vonta-

⁴ Cf. Vaticano II, *Unitatis Redintegratio*, n° 13. Decreto Unitatis Reintegratio sobre o ecumenismo, n. 13.

de de Cristo e são escândalos para o mundo e prejudicam enormemente a pregação do Evangelho. Na verdade, tudo o que houve, foi uma má interpretação da realidade e uma não vivência profunda do Evangelho. Muitas vezes, evidenciava-se apenas o poder, os interesses, a interpretação pessoal e criaram-se as divisões a prejudicar enormemente o crescimento da comunidade cristã. O cisma do Oriente (que os Orientais denominam cisma do Ocidente) e a Reforma foram momentos de profunda crise em que se deixou completamente de lado o núcleo central do Evangelho. A culpa não deve recair apenas nos reformadores e cismáticos, mas também na Igreja romana. O que restou disso tudo foram peças estilhaçadas e o que se busca, através do ecumenismo, é reconstruir o caminho sob uma forma, agora de mosaico.

2. A REALIDADE HISTÓRICA ATUAL: O FENÔMENO DA PÓS-MODERNIDADE

Se no passado houve intrigas no âmbito da fé, divisões causadas por questões de compreensão, para se chegar àquele que é Uno, ao Absoluto e, na maioria das vezes, ao aprisionamento de um Deus em uma religião possuidora da verdade, a Modernidade declarou a *morte de Deus*⁵ ou a Sua *não existência*.⁶ Naquela época, o mundo passava por uma reviravolta e o paradigma Deus havia sido colocado em xeque. Se Deus é bom, por que permite ou consente tantas atrocidades, a peste?⁷ Onde está a justiça divina? Por que necessitar de uma divindade, se o mundo caminha e é regido por mentes humanas, pela doura razão e suas tecnologias? No fundo, a declaração da morte de Deus e sua inexistência refletiam a reação do ser humano moderno, à situação histórica anterior, a Idade Média, em que o teocentrismo sufocou-o na corporeidade e racionalidade. Matar Deus era reafirmar o humano, mesmo correndo o risco de cair numa *antropolatria*. Essa exaltação entrou em grande crise, à medida que se deparou com a capacidade autodestrutiva do ser humano e, para citar apenas dois exemplos, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, reveladores da força e da fraqueza do humano, de um pessimismo mefistofélico-schoppenhaue-riano e também da insegurança perante o futuro.

2.1. A Pós-Modernidade: gênese e suas características

Imbricado na Modernidade surge, por volta de 1918 e se desenvolve mais especificamente nos anos 80, um fenômeno que os estudiosos denominam de Pós-Modernidade,⁸ embora

⁵ Cf. G. PENZO, Friedrich Nietzsche (1844-1900): O divino como problematidade. In *Deus na Filosofia do Século XX*. São Paulo, Loyola, 2000, pp. 23-35.

⁶ Cf. G. INVITO, Jean-Paul Sartre (1905-1980): 'Deus não existe': a indemonstrabilidade de uma certeza. In *Deus na Filosofia do Século XX*, op. cit., pp. 409-420.

⁷ Cf. A. CAMUS, *A Peste*. Rio de Janeiro, Delta, 1988.

⁸ Cf. E. A. RABUSKE, O homem na Pós-Modernidade. Em *CADERNOS DA FAFIMC*, 17 (1997), p. 49.

haja entre eles divergências.⁹ Seja como for, o que chamamos de Pós-Modernidade já nasce em crise, fruto de uma tensão mundial, na tentativa de dar respostas à nova sociedade que se instaura e rompe com a Modernidade.¹⁰ Nesse sentido, é necessário caracterizar essa realidade histórica e extrair algumas de suas conseqüências e os desafios para a atualidade, principalmente no que diz respeito à compreensão do Deus Trino.

A pós-modernidade nos apresenta novos paradigmas. Do ponto de vista político, não predomina o eurocentrismo, mas o policentrismo; as guerras reafirmam os seus poderes de destruição, em resposta surgem os movimentos pacifistas e a crítica à civilização e à cientificidade tecnicista. Surgem a Segunda Guerra Mundial, os totalitarismos, a Guerra Fria, a Queda do Muro de Berlim, o terrorismo, a crise no engajamento histórico e nas buscas de transformações sociais.

Em termos econômicos e sociais, fala-se numa sociedade pós-industrial, de prestação de serviços e de comunicação; aumenta a disparidade econômica entre o Norte e o Sul; surgem os blocos econômicos, globalização, mercado total e a vulnerabilidade dos sistemas econômicos. Aumentam os problemas ambientais, tais como o buraco na camada de ozônio e a poluição. Associados a isso, estão a preocupação com a Biogenética, o avanço das ciências da manipulação da vida, a engenharia genética, a clonagem, o projeto genoma, os transgênicos e a estetização da vida, seus benefícios e os perigos para a humanidade.

No que se refere ao aspecto cultural-ideológico vive-se a secularização, o sistema pós-patriarcal, a pós-ideologia, a busca de uma síntese pluralista e holística, a *midicracia* e o acriticismo; a crise das grandes narrativas, das verdades abrangentes totalizantes acerca da realidade e substituídas pelas micronarrativas, pela banalidade, pela fugacidade e pelo corriqueiro. Observa-se a perda de consistência e a dessubstancialização dos símbolos, especialmente religiosos; rompimento com o positivismo científico e a ruptura com a racionalização moderna. Inserção na era virtual, da simultaneidade, das representações imagéticas, do excesso de informações e da velocidade em que aquilo que é propagado é mais importante do que aquilo que se é. As teorias científicas já não conseguem dar respostas, com certa eficiência, perante a velocidade tecnológica e são obrigadas a reformularem rapidamente, caso contrário, tornam-se arcaicas. Assim, o fenômeno da Pós-Modernidade permeia a nossa existência e não tem um vetor isolado, é complexo e difícil de ser teorizado e questiona tudo aquilo que é absoluto, globalizante e estabelecido sobre a sociedade¹¹ e se caracteriza como fragmentação.

⁹ O sociólogo Luís Roberto Benedetti afirma: *Anderson, após dizer que o termo pós-modernidade supõe o uso concorrente de modernismo, situa a origem do termo em 1890 na Nicarágua, como tentativa de independência cultural diante da Espanha*. Benedetti mostra ainda que a terminologia aparece em 1934, nos escritos do historiador Toybee; em 1952, Olson, um crítico literário, utiliza a nomenclatura para caracterizar o presente vivo em andamento; em 1959, entra no domínio da linguagem sociológica e, em 1977, alcança cidadania intelectual com Lyotard que publicou uma obra intitulada *A condição pós-moderna*. Já Rabuske afirma que o termo surge por volta de 1918. Isso mostra que tal fenômeno ainda está longe de poder ser definido Cf. P. ANDERSON, *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999; L. R. BENEDETTI, *Teologia na Pós-Modernidade*. In TRASFERRETTI, J. – LOPES GONÇALVES, P. S. (Eds.), *Teologia na pós-modernidade: Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo, Paulinas, 2003, p. 55-57; E. A. RABUSKE, *O homem na Pós-Modernidade*, op. cit., p. 49.

¹⁰ Cf. L. R. BENEDETTI, *Teologia na Pós-Modernidade*, op. cit., p. 61.

¹¹ Idem, p. 54.

No campo religioso nota-se a multiconfessionalidade, o ecumenismo, o diálogo inter-religioso, a inculturação, o surgimento de movimentos de caráter integrista, tais como Opus Dei, Legionários de Cristo, Comunhão e Libertação em contraposição à RCC; especialmente nos anos 80, o surgimento de movimentos religiosos: Sociedade Internacional para a Consciência Krishna, Missão Divina da Luz e a Meditação Transcendental; os Meninos de Deus ou a Família do Amor, Seicho-no-Iê; avanço do Pentecostalismo e neopentecostalismo; experiência imediata do sagrado sem mediação teológica; rechaçamento da Teologia da Libertação, fundamentalismos, negação da encarnação; a fé se torna apenas experiência individual de caráter curativo e uma fragmentação do evangelho como resposta de Deus aqui e agora.

Busca-se a aspiração de equilíbrio entre tendências racionais, emocionais e estéticas da pessoa, vazio existencial, cetismo e niilismo, subjetivismo e individualismo exacerbado e um complexo neurótico de competitividade e a passagem do indivíduo ao individualismo. Surge uma nova ordem moral, o clamor por uma ética universal e reviravolta dos paradigmas libertários. Assiste-se a agonia e a morte dos mitos fundadores da modernidade, a saber: mito da autenticidade do progresso e do sentido histórico, do estado libertador e protetor; agonia do mito das luzes; mito da crença na cientificidade e tecnologia como resolução de todos os problemas do ser humano; mito do trabalho e da ética do trabalho; o mito do messianismo revolucionário, da arte como forma de espiritualização, mito do poder das massas e o mito da solidariedade.¹²

¹² Cf. L. R. BENEDETTI, Dilemas Pós-Modernos na vida cristã. Em *VIDA PASTORAL*, 45 (2004), 237, pp. 3-8; B. O. BIRCK, Fenômeno Religioso na Pós-Modernidade. Em *CADERNOS DA FAFIMC*, 17 (1997), pp. 78-95; E. A. RABUSKE, O homem na Pós-Modernidade, op. cit., pp. 49-58; D. FREITAS, Conjuntura Pós-Moderna. Em *CADERNOS DA FAFIMC*, 17 (1997), pp. 1-23; P. C. CARBONARI, O homem pós-moderno construindo a Liberdade. Em *CADERNOS DA FAFIMC*, 17 (1997), pp. 85-95.

Embora seja um fenômeno complexo de se explicar, a Pós-Modernidade nos faz refletir sobre aqueles valores vitais de nossa existência. Estamos na era de mudanças: o conceito de ser humano, de Deus, de moral, de ética, de verdade, de gratuidade, de espiritualidade e muitos outros são abalados. Surge uma profunda busca e aquilo que se acreditava outrora, agora se reafirma não ser tão importante. No medievo, tudo era organizado, até o Cosmos e a verdade era absoluta. Hoje, com as grandes descobertas, tudo move e nada parece restar, além da certeza de que existimos e somos humanos, até alguém provar o contrário. A constatação é a de que ser humano está se diluindo no mundo criado por ele e, agora, não consegue explicá-lo.

A Pós-Modernidade se caracteriza pela dinamicidade e pela inexistência de critério absoluto de verdade e, na maioria das vezes, as relações se situam na dinâmica do interesse. Ela mostra o ser humano tal como ele é, profundamente egoísta! Muitos filósofos modernos já assinalavam para essa realidade. Haja vista Hobbes, o *homem é o lobo do homem*. Estamos vivendo a era

da falta da solidariedade e da grande busca por ela.¹³ O que assistimos é uma concentração exacerbada no modo ter, conclamado pela globalização, em detrimento ao modo de ser que parece enfraquecer e a entrar numa distanásia, lentamente.

Apesar dos seus aspectos controvertidos, não podemos desprezar o que aí está. A tecnologia produzida em todas as áreas visa a melhora qualitativa da vida humana no planeta, é salutar e auxilia cada vez mais o homem a encurtar as distâncias e a aumentar a vida entre a própria espécie humana. O problema, portanto, não está nos aparatos técnicos desenvolvidos, mas naquilo que o ser humano faz deles. Nesse sentido, é dever ético zelar para que isso seja aplicado para o bem da humanidade, visto que *progresso científico e progresso humano, com efeito, nem sempre coincidem*.¹⁴

3. A REALIDADE HODIERNA E O PLURALISMO RELIGIOSO

Um dos legados da Pós-Modernidade, conforme verificamos, é o retorno ao sagrado e, por consequência, ao pluralismo religioso. Essa realidade requer, portanto, uma postura dialógica da Igreja Católica e uma consciência de que ela já não é mais a detentora do poder religioso, como aconteceu no passado. A Pós-Modernidade traz questões que, para o medievo, eram impensáveis e para a Modernidade não eram tão complexas. Mais do que religiões, a Pós-Modernidade evidencia uma cultura religiosa que não necessita de vínculos e de pertença a um credo. Se não há esse senso, surge um outro, o de uma religião mercadocêntrica, isto é, daquilo que é agradável de cada uma, faz-se uma *mixagem* e cria-se uma outra à imagem e semelhança de quem a fundou. Há uma espécie de hedonismo religioso atualmente e isso está sendo divulgando cada vez mais.

Além das considerações feitas, há uma outra a se fazer acerca dessa proliferação. As religiões tradicionais, como o Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo e/ou as Religiões Orientais obedecem a hierarquias, sejam em nível de autoridade sagrada ou de doutrina. As pessoas têm que passar por um processo de iniciação para penetrar no dito mistério de cada uma e depender de certas mediações. Nesse sentido, o pós-moderno é ambivalente: é averso a esses modelos tradicionais, e em alguns casos, retorna a eles como elemento de segurança. A resultante é que esse pluralismo é uma forma de contestação dos ditos *modelos arcaicos* e a possibilidade de o indivíduo expressar sua crença, independente de uma instituição.

Essa realidade se torna cada vez mais complexa e surge a necessidade de compreendê-la para se evitar condenações e

¹³ Diante das catástrofes, o mundo se une para aliviar o sofrimento humano, no entanto, é preciso que a solidariedade seja algo intrínseco ao ser, de modo que ser humano, *signifique salvar o outro, sempre!* O mundo não mudará enquanto não for o lugar da compaixão, da justiça, da fraternidade universal. Essa prática humana não pode ser esporádica, mas cotidiana!

¹⁴ Cf. H. PRETTO, *A Teologia tem algo a dizer a respeito do ser humano?* São Paulo, Paulus, 2003, p. 27.

fechamentos diante dela. É uma nova concepção de mundo que surge, uma nova visão religiosa e a Igreja Católica precisa estar atenta, procurando dialogar a fim de compreender o humano que busca o transcendente, independente da sua fé. Desse modo, *acusar de falsidade as religiões, do ponto de vista cristão é querer fechar os olhos à realidade. Não se pode ser tão cego a ponto de não se ver a verdade transcendente que está em emersão em toda religião.*¹⁵

¹⁵ Cf. R. PANIKKAR, *Ecumenismo das Religiões*. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 116.

Diante desse fenômeno, surge a seguinte questão, quais os critérios a serem usados? Um dos primeiros a ser usado, é deixar de lado os fundamentalismos. Todas as religiões, por mais que se digam abertas, possuem intrinsecamente certos fundamentalismos na sua gênese, verdadeiros empecilhos para o encontro do diferente; o segundo é a absolutização da verdade; terceiro a pretensão de ser a única via a salvar a humanidade e, portanto, as outras não serem possuidoras dessa essência. Além desses, existem outros não menos importantes a serem evitados: a intolerância, a surdez e a paralisia. Há outros que devem ser evidenciados: a verdade comum a todas as religiões, a superação do monólogo religioso, o respeito à crença do outro, a comunhão, *o ser humano e a sua vida*. Segundo Mário França de Miranda, a base do diálogo inter-religioso parte da própria estrutura do humano, como ser aberto a uma realidade que o transcende.¹⁶ Fundamentando-se no mistério do humano, pode-se chegar a um critério de equilíbrio dentro das possibilidades da essência humana. Raimundo Panikkar afirma: *não é necessário confiar em textos escriturísticos para provar que Deus quer a salvação de todos os homens; basta, de fato, referir-se ao fim que eles devem atingir e para os quais foram criados.*¹⁷ Assim, a realidade que nos aponta é de um ser humano novo, fruto de uma caminhada histórica, na qual se desenvolveram a tecnologia, a cultura, a inteligência, as sociedades, o mundo e também o universo religioso. Há uma nova mentalidade, uma nova cosmovisão e tem suas decorrências na forma de compreender o sagrado e a divindade. Entretanto, paira sobre a cabeça humana uma espada de Dâmocles que o perturba, fazendo-o indagar sobre o abismo existencial e aquilo que a sua experiência religiosa pode preencher. Nesse sentido, o pós-moderno e a sua busca são ambíguos: de um lado é auto-suficiente, autômato; do outro, profundamente fragilizado perante o mundo que o cerca. Essa necessidade fá-lo ir ao encontro do outro, buscando seu espaço vital e global, na tentativa de construir uma história planetária unificada, criando possibilidade de viver a vida na integridade e a experimentar aquilo que se crê. Sobre isso, lembra-nos Karl Rahner: *o homem de hoje, e mais ainda o de amanhã, é o homem de história planetária*

¹⁶ Cf. M. de FRANÇA MIRANDA, *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo, Loyola, 1998, p. 118.

¹⁷ Cf. R. PANIKKAR, *Ecumenismo das Religiões*, op. cit., p. 116.

*unificada, do espaço vital, global e, por isso mesmo, da dependência de cada um e de todos.*¹⁸

¹⁸ Cf. K. RAHNER, *A Caminho do 'homem novo'*. Petrópolis, Vozes, 1964, p. 4.

4. A TRINDADE COMO MODELO DIALÓGICO NO CONTEXTO DO PLURALISMO RELIGIOSO

Toda a análise anterior, acerca da Pós-Modernidade e do pluralismo religioso contextualiza-nos e mostra-nos que o mundo sofreu profundas mudanças em todos os níveis. Assim, não se pode partir para um diálogo ecumênico e inter-religioso sem o aprofundamento e a compreensão da realidade histórica, na qual estamos inseridos.¹⁹ Essas transformações quebram paradigmas e invocam para si novos modelos e substituem aqueles inócuos. Nesse sentido, a Trindade apresenta, no contexto da pluralidade religiosa, elementos vitais se queremos dar passos concretos e novos, rumo ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, no contexto pós-moderno e de pluralismo religioso, de uma forma pacífica e holística.

A Trindade é o modelo para transcender os limites para o diálogo. Ela apresenta-se com duas facetas. A primeira como possibilidade dialógica com as religiões cristãs históricas que possuem pontos comuns: as Escrituras, Jesus Cristo, a fé no Deus Uno e Trino, o Batismo, a fé no Espírito Santo vivificante, a Igreja una e visível e os elementos escatológicos;²⁰ a segunda porque se coloca como abertura relacional e comporta as diferenças, elemento importante na lida com as religiões não-cristãs. Nesse caso, é possível ir ao encontro do outro, pois:

*Os divinos Três são distintos e irredutíveis. Um não é o outro. Mas ninguém se afirma em exclusão do Outro. Cada Pessoa divina se afirma afirmando a outra pessoa e se entregando totalmente a ela. As pessoas são distintas para poderem se entregar as outras e estarem em comunhão. Assim, há riqueza na unidade e não mera uniformidade. A Trindade é modelo de toda e qualquer comunidade: respeitando cada individualidade surge, pela comunhão e pela mútua entrega, a comunidade.*²¹

Quando se afirma ser este modelo possível, não se trata de impor-lhe às outras denominações religiosas, mas é extrair da Trindade o conteúdo capaz de trabalhar com as diferenças na unidade, devido à universalidade que comporta. Em outras palavras, a Trindade não exclui o diferente, mas o acolhe na sua singularidade. Esse princípio fundamental não deve ser confundido com unilateralismo, nem com uniformidade, prejudiciais a qualquer forma de discussão. Há que se buscar a riqueza que o outro possui. Em nível das religiões não cristãs,

¹⁹ Andrés Quiruga afirma que o termo diálogo traz em si uma insuficiência de linguagem. Para ele esta nomenclatura traz em si uma conotação de verdade, visto que há uma necessidade de negociar com o outro que também traz a sua. Este autor sugere o termo *encontro* – *o encontro sugere mais o sair de si, a busca do que está diante de todos*. Todavia, penso que o diálogo é uma categoria importante para existir o encontro. Só posso conhecer o outro, quando estabeleço com ele uma relação de alteridade. Aqui cabem dois princípios importantes, o Eu-Tu buberiano e o olhar de transcendência levinasiano, fundamentais para esse encontro, levando em conta o princípio dialético que permite chegar a uma síntese e, por esta se pode chegar de maneira mais viável a um encontro dialógico. Cf. A. T. QUEIRUGA, *O Diálogo das Religiões*. São Paulo, Paulus, 1997, p. 67.

²⁰ Cf. A. A. MIRANDA, *Cruzan-do as fronteiras do ecumenismo*. Aparecida, Santuário, 1995, pp. 31-39.

²¹ Cf. L. BOFF, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 97.

²² Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo, Nova Cultural, 1998, vol. 4, p. 880.

²³ Cf. H. KÜNG, *Religiões do mundo em busca dos pontos comuns*. Campinas, Versus, 2004, p. 74.

²⁴ Cf. A. M. COCAGNAC, *Hinduísmo e Cristianismo um diálogo possível*. São Paulo, Loyola, 1995, pp. 55-74.

²⁵ Cf. H. KÜNG, *Religiões do mundo em busca dos pontos comuns*, op. cit., pp. 73-78.

²⁶ Cf. H. KÜNG, *Projeto de uma ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo, Paulinas, 1992, pp. 164-165.

o Hinduísmo possui uma Trindade formada pelos deuses Brahma, Vishnu e Shiva. O primeiro é o criador ou princípio criador do mundo e forma com Vishnu e Shiva, a Trimurti ou tríade hindu.²² O segundo, Vishnu, possui o princípio da conservação e quando a ordem cósmica se encontra em perigo, por causa das forças demoníacas ele salva e protege.²³ É o deus do espaço e do tempo, das amizades e alianças.²⁴ E por fim, Shiva é um deus que têm dupla face: dissolução/destruição e rico de bênçãos, bondoso, benevolente tem infinita força criadora, dá origem às coisas e confere vida. Na expressão artística costuma-se ser representado como o senhor dançante do Universo, o Shiva Nataraja e a sua dança expressa cinco realidades: criação, conservação, destruição, encarnação e libertação, mostrando que o universo possui um ciclo em que milhões de mundo são criados e outros destruídos.²⁵ Todos eles formam uma unidade entre si.

Ora, tanto da Trindade cristã, quando da hindu se extraem elementos de abertura. Elas se relacionam entre si e se abrem para o Cosmos em formas criativas de vida, de bondade, de conservação e de salvação. Esses princípios divinos devem ser aplicados ao ser humano para a construção de um mundo novo. Nesse sentido o Espírito Santo e a Shiva Nataraja nos mostram a dialética do mundo que a cada dia nasce e renasce e vai se transformando pela criatividade divina e humana.

Para que essa aproximação e diálogo sejam possíveis, é preciso colocar alguns parâmetros para que isso ocorra. O teólogo Hans Küng apresenta-nos uma grande contribuição para este diálogo. Ele estabelece quatro pontos para que ele aconteça e chegue à paz: a) não fazer o próprio caminho cristão de forma rigidamente dogmática e desinformada sobre outros caminhos, sem compreensão, tolerância e amor pelos outros; b) não se frustrar com os caminhos e fascinar-se pela novidade do outro e passar para outros caminhos; c) não simplesmente adicionar exteriormente aquilo que é ensinado pelas outras religiões à fé que já temos e d) deixarmos-nos transformar sempre de novo no próprio caminho e modificar, através daquilo que as outras religiões nos acrescentam, de modo que a fé que temos não seja destruída, mas enriquecida.²⁶

A Trindade surge como ponto de partida no contexto do pluralismo devido à sua universalidade e ação denominada de *ação ad extra e ad intra*. A primeira se refere à ação operativa emanada da Trindade para fora do seu mundo interno. A criação de todo o cosmos, a revelação e a salvação referem-se a esta ação. Ora, as religiões compõem o universo e são envolvidas por esse princípio maior. No entanto, este não se fecha em si e sua ação se estende numa ação geradora de elementos

novos que possibilitam derrocar o reducionismo e o hermetismo, amarras para a compreensão do *mysterium* que há no outro. Nesse caso, essa ação trinitária é convite para ir além dos muros de nossas convicções religiosos e a interagir com o diferente. A segunda ação, a *ad intra*, é própria do mundo interno trinitário como a geração do Filho e a espiração do Espírito. Significa que há um olhar interno, necessário, visto que uma ação está concatenada em outra. Nessa última é o dado encarnacional. Se o verbo toma a condição humana e não deixa de ser divino, significa que podemos encarnar na realidade do outro, sem perder a própria identidade e acampar junto com ele e, juntos, dialogar e chegar ao essencial, a geração de vida, força criativa emanada do Espírito. A ação *ad intra* nos faz pensar no aspecto da inculturação que, primeiro deve acontecer internamente, para depois ir ao encontro do outro.

Assim, a afirmação de que os Três divinos são distintos, mas nenhum exclui o outro e um reafirma e se entrega completamente ao outro, fazendo comunhão, respeitando a individualidade e a gerar a comunhão, deve ser o fundamento para não se ter medo do que aí está. Em meio à diversidade de religiões, cada uma terá o seu espaço vital e, podem, se levarem em consideração em primeiro lugar à vida humana na sua plenitude chegar a comunhão e à Paz. É esse o caminho de salvação de todas as denominações religiosas, independente de suas divindades.

5. O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO E A APLICABILIDADE DA TEOLOGIA TRINITÁRIA

Antes de discutirmos este assunto, é importante, em nível conceitual, definir, mesmo em linhas gerais, dois fatores basilares nessa discussão: o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso.

5.1. O diálogo ecumênico

A declaração *Unitatis Redintegratio* nos diz: ‘por movimento ecumênico’ entendem-se as atividades e iniciativas, segundo as necessidades e as condições temporais da Igreja, que desperta, inspira a busca da unidade entre os cristãos.²⁷ O Guia Ecumênico da CNBB define o ecumenismo como *doutrina e prática das iniciativas que visam a reconstrução da unidade entre os cristãos*.²⁸ O mesmo documento lembra que para o verdadeiro ecumenismo é necessário o reconhecimento mútuo da eclesialidade, o estímulo dos valores verdadeiramente cristãos, deri-

²⁷ Vaticano II, Decreto *Unitatis Redintegratio*, op. cit., n. 4.

²⁸ Cf. J. HORTAL, *Guia Ecumênico*. Informações, Normas e Diretrizes sobre o Ecumenismo. São Paulo, Paulus, 2003. Col. Estudos da CNBB, n. 21, p. 115.

²⁹ Idem, p. 116.

³⁰ Vat. II, Decreto *Unitatis Redintegratio*, op. cit., n. 9.

³¹ Cf. J. HORTAL, *Guia Ecumênico...*, 21, op. cit., pp. 100-105.

³² Cf. *Unitatis Redintegratio*, 4. Embora se use no documento o termo *irmãos separados*, soame como preconceituoso e excludente. Se temos a fé num Deus único, acreditamos em Jesus Cristo e na Trindade, por que separados? O termo já dificulta a unidade, a comunhão. Isso é completamente contrário àquilo que emana da Trindade. Penso que essa terminologia deve ser evitada e abolida e substituí-la por alguma mais adequada. Talvez os *irmãos de confissão luterana*, *irmãos de confissão metodista*, partindo do próprio de cada um.

³³ No que diz respeito ao diálogo inter-religioso, há três posições que o Cristianismo tem assumido ao longo da história, diante das religiões não-cristãs e devem ser consideradas: o modelo exclusivista, o modelo inclusivista e o modelo pluralista. O estudo de Pedreira ajuda a refletir e a repensar as posições do cristianismo frente a esse grande desafio, o diálogo inter-religioso. Cf. E. R. PEDREIRA, *Do confronto ao encontro*. São Paulo, Paulinas, 1999, pp. 109-161.

³⁴ Aqui evidenciei apenas três elementos que, ao meu ver, dificultam a compreensão trinitária. Sobre as mudanças de paradigmas: eclesiocentrismo ao cristocentrismo, do cristocentrismo ao teocentrismo e os modelos reinocentrismo e soteriocentrismo, logocentrismo e pneumatocentrismo. Cf. J. DUPUIS, *Rumo ao uma teologia cristão do Pluralismo Religioso*. São Paulo, Paulinas, 1999, pp. 251-277.

³⁵ Cf. L. BOFF, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, op. cit., p. 32.

vantes de um patrimônio comum que se encontram nos outros irmãos de outras confissões religiosas; agir e falar em conjunto e o crescimento mútuo da palavra de Deus.²⁹ Desse modo, para que haja de fato este diálogo, o fundamental é que os interlocutores discutam de igual para igual,³⁰ pois através do diálogo, os cristãos progredem na participação do mistério de Cristo e da sua Igreja e na missão que o próprio Filho de Deus confiou a própria Igreja.³¹ Deve ser levado em consideração, neste diálogo, conforme nos interpela a *Unitatis Redintegratio* as palavras, os juízos e os comportamentos que dificultam o relacionamento com os nossos *irmãos separados*.³² Caso contrário, torna-se impossível qualquer tipo de comunhão.

5.2. O diálogo inter-religioso

Se o diálogo ecumênico é estabelecido entre cristãos, o inter-religioso requer muito mais elementos, pois implica conhecer quem é diferente do Cristianismo. As categorias de aplicabilidade são diferentes e exigem um verdadeiro êxodo, além de uma inserção na cosmovisão antropológica, teológica e cultural daqueles que se afirmam não-cristãos. O campo de discussão a ser considerado é o das grandes religiões orientais, os movimentos religiosos contemporâneos, as filosofias de vida e, aqueles que não têm nenhum elemento comum à fé cristã. O desafio de entendê-los é porque constituem uma variedade enorme de grupos e são heterogêneos e os princípios dialógicos de um, não são os mesmos para o outro.

5.3. A aplicabilidade da teologia trinitária

A Trindade é um caminho para o diálogo ecumênico e inter-religioso.³³ Sua aplicabilidade, neste caso, não é e nem deve ser dogmática. Compreendê-la dogmaticamente dificulta o diálogo. O que se deve extrair é o conteúdo profundo a emanar da realidade trinitária que rompe com o patriarcalismo, com o cristocentrismo e com o pneumatologismo.³⁴ O que emana da Trindade é exatamente o Deus dialogante entre si mesmo e se faz comunhão e comunidade, a partir do respeito das diferenças. Nesse sentido, *a Trindade mostra que por debaixo de tudo que existe e se move habita uma dinâmica de unificação, de comunhão e de uma eterna síntese dos distintos num infinito todo, vivo, pessoal, amoroso e absolutamente vitalizador*.³⁵ Cada pessoa possui uma unicidade e, no diálogo amoroso profundo, torna-se comunhão, o que não significa fechamento, inclusivismo nem exclusivismo. Esse diálogo é possível porque possui dimensão criadora e recriadora, geradora de vida; é humano-

corporal-divino, imanente e transcendente, criativo, unitivo, de profunda liberdade e de vitalidade e surge de um olhar contemplativo sobre o *oikos*. É convite a sair de si mesmo e recriar um mundo novo a partir da liberdade e acima de tudo da vida humana.

Um elemento vital da Trindade que emana do Espírito é o *spermato pneumatika*.³⁶ Esse elemento está contido nas culturas e em todas as religiões. Ele permite ultrapassar as próprias barreiras das crenças religiosas e a perceber o princípio vital que há em cada uma e a força geradora do Espírito que desperta e abre caminhos novos para a compreensão abrangente do outro, diferente de mim, com o qual devo me relacionar e que contém o germe do Espírito que paira sobre todos sem distinção.

³⁶ Cf. M. F. MIRANDA, *O Cristianismo em face das religiões*, op. cit., p. 149.

A reflexão acerca da importância da Trindade no diálogo ecumênico e inter-religioso é porque esta transcende os conceitos e paradigmas até então usados. No decorrer da história surgiram paradigmas e, ao se tornarem inócuos foram substituídos: do eclesiocentrismo, centralidade na própria Igreja, para o cristocentrismo, a centralidade no mistério de Jesus Cristo. Este último é abandonado e surge o teocentrismo, o Deus-Centro, afim com as religiões monoteístas e proféticas ocidentais, mas excludente das tradições místicas do oriente. Procura-se, então, um conceito mais amplo, o reinocentrismo e o soteriocentrismo, de modo que as religiões não se fecham no evento Cristo, mas no Reino de Deus que vai se construindo ao longo da história e atinge sua plena realização com a escatologia. Por último, o logocentrismo e o pneumatocentrismo. O primeiro é a mensagem revelada e atesta a universalidade de sua ação na história do mundo pelo Verbo de Deus que salva e não propriamente Jesus; o Espírito abre caminho para um modelo pneumático, autocomunicante de Deus aos seres humanos, está presente na história e age fora dos limites do rebanho cristão.³⁷

³⁷ Cf. J. DUPUIS, *Rumo a uma Teologia Cristão do Pluralismo Religioso*, op. cit., pp. 258-276.

O conteúdo trinitário está para além do eclesiocentrismo, do cristocentrismo, do teocentrismo, do reinocentrismo, do soteriocentrismo, do logocentrismo e do pneumatocentrismo. Estes estão contidos dentro da Trindade. Ao meu ver, esses modelos deram importante contribuição, mas esbarram em certos limites, pois acabam privilegiando um aspecto em detrimento dos demais. A Trindade traz em si aquilo que é fundamental e perene a inter-relação dos divinos três e não esbarra em nenhum entrave porque possui o elemento imanente e o econômico: Deus em si mesmo e a sua relação com o ser humano, independente de credo religioso e com o mundo e isto cria comunhão entre todos, a convergência amorosa e o consenso fraterno. Assim, Leonardo Boff define:

*Se Deus é Trindade de Pessoas, comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, então o princípio criador e sustentador de toda a unidade nos grupos, na sociedade e nas Igrejas deve ser a comunhão entre todos os participantes, quer dizer, a convergência amorosa e o consenso fraterno.*³⁸

³⁸ Cf. L. BOFF, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, op. cit., p. 35.

Nesse sentido, considero o modelo trinitário pela sua universalidade, pela não exclusão de possibilidades e devido a sua aplicabilidade holística. Em contexto de realidade pós-moderna, é preciso ampliar os estudos acerca da Trindade e a sua importância para os diálogos ecumênico e inter-religioso, pois disso depende a aproximação das religiões e a contribuição que cada um pode dar no processo de Paz no mundo.

6. POSSIBILIDADE QUE *TODOS SEJAM UM*, SEM PERDER SUA IDENTIDADE RELIGIOSA: APLICABILIDADE PASTORAL

Ao lançar-se para o diálogo religioso, o primeiro elemento a ser evidenciado é a identidade da fé ou crença. Todos devem saber-se cristão, budista, iniciado no candomblé, luterano... Essa identidade profunda da fé ou crença não deve ser confundida como apologética, no sentido de prevalecer a minha opinião ou crença em relação às demais. Talvez aqui esteja o ponto nevrálgico da questão, pois muitas vezes se pensa que no diálogo deve-se abrir mão da fé pessoal ou daquilo que ensina a denominação religiosa. Deve-se transcender as instituições e as suas leis, pois o espírito de fé ou crença de cada denominação religiosa deve ser algo valorativo para a epifania dialógica e dialogante do Espírito presente, com seus diversos nomes, em todos que se propõem a conviver dentro do *oikos*, na *koinonia*. Nesse sentido, o Cristianismo deveria ser grande perito, porque possui elementos que lhe dão suporte. Entretanto, não se pode *fazer do cristianismo uma religião absoluta, que incluiria tudo o que há de bem nas outras religiões. Nem o cristianismo histórico, nem a Igreja vista pelos homens são absolutos.*³⁹ Sendo assim, se se torna difícil chegar à plenitude de que *todos sejam um* pelo dado religioso na sua multiface, é possível chegar a um princípio antropológico — salvar o humano na sua corporeidade. Surge, uma constatação, um desvio do foco? Considero que não! Ainda que se dêem todas as explicações sobre a origem do ser humano, ele é um ser criado. Por mais que as ciências neguem que haja uma força superior que o criou, não se tem como provar, mas este é criatura que também gera vida nova. O que nos interessa, neste caso, é per-

³⁹ Cf. C. GEFFRÉ, *A fé na era do pluralismo religioso*. In COUTO TEIXEIRA, F. L. (Ed.) *Diálogo de pássaros*. São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 67.

ceber que o ser humano tem um desejo do divino e nasceu para perscrutar o mistério de si mesmo, do mundo e, com ousadia, da divindade. Tudo isso reveste de uma sacralidade e, se não for possível pela religião, seja pela utopia küngiana, a de uma ética mundial. Sem perder a identidade religiosa é um dever de todo cristão ou não, zelar pela vida que se desenvolve dentro do cosmo. Por conseguinte, aparece uma consciência ecológica, a preservação da vida do planeta, pois deste depende a vida humana.

Obviamente, não se pode esquecer a complexidade de tudo isso. Quando se encontram pessoas de boa vontade e conscientes desse valor, é relativamente fácil dar passos concretos, principalmente na situação pastoral. Há grupos religiosos que têm aversão a qualquer tipo de diálogo. São apologetas do fundamentalismo, enraízam-se nas suas verdades obtusas e alienantes, claudicam e ofuscam a beleza da comunhão. Para estes, é difícil compreender o que significa *todos sejam um*, até mesmo a partir de uma ética, quiçá do Evangelho, se estão com a verdade. O outro é sempre o inimigo uniformizador e não é visto como pressuposto de alteridade. Isso inviabiliza qualquer discussão e, do ponto de vista pastoral, torna-se irrealizável. Porém, dentro da óptica trinitária, não se pode excluí-los. Devem ser sujeitos a nos questionar e a nos fazer melhorar nossas ações. Entretanto, a própria realidade os interpelará e se quiserem subsistir, deverão se abrir para essa dinâmica. Ao contrário, desaparecerão por não serem capazes de dar respostas ao mundo que aí está.

CONCLUSÃO: POR UM MUNDO DE PAZ E, PACÍFICO, ENTRE AS RELIGIÕES

Pensar o ecumenismo e o diálogo inter-religioso requer abertura e capacidade dialógica, mutualidade e aprendizado recíproco. Este conteúdo deve nos lançar às fronteiras, conforme nos ensina o Evangelho e a própria missão de Jesus. Estes dois pressupostos facilitam a compreensão do processo a ser feito, se queremos dar uma resposta mais adequada à atualidade. Eles são importantes porque estão no coração da Trindade, uma vez que sem esta, estes valores se perdem no tempo e no espaço. Portanto, o que se quis durante todo o trajeto percorrido, neste texto, foi mostrar que é possível dialogar e chegar a um encontro e que não se deve abrir mão da fé, mas lançar fora tudo o que divide e alcançar a Paz. De certo modo, todas as religiões terão que deixar alguma coisa, especialmente o legalismo, os conceitos absolutos e perceber a verdade que

existe em cada uma e o despertar a consciência de que ela é importante e pode ajudar a minha confissão religiosa a ampliar horizontes novos. Não se trata de criar uma religião universal, o que empobreceria a humanidade. As religiões podem continuar existindo, mas a sociedade e a Pós-Modernidade pedem delas um princípio autêntico de convivialidade, uma ética universal. Se estas portam uma mensagem de salvação aos seus fiéis, devem ser as primeiras a lutarem para cumprir os direitos do ser humano de viver a sua humanidade em dignidade. Senão, perdem a autoridade de serem portadoras de conteúdos supostamente revelados por determinada divindade, profeta ou guru.

Toda essa reflexão suscita-nos uma interrogação. No cotidiano temos tantas coisas em comum — relacionamos com pessoas de diferentes culturas, classes sociais e, na cidade ou bairro, há lojas, supermercados e problemas, como saúde, água, esgoto e tantos outros e as pessoas se reúnem, chegando a um denominador comum — para o bem da comunidade. Entretanto, por que, a religião, o instrumento de utopia, de encorajamento, de luta, de justiça e de esperança, acaba sendo elemento divisório, de crueldade, de guerras e posto de lado?⁴⁰ A Paz não é ausência de conflitos, sim capacidade dialógica de promover a vida em abundância e possibilitar uma sociedade justa e fraterna. Essa deve começar no foro interno de cada Religião, pois *a concórdia entre as religiões é condição prévia para a paz entre as nações*.⁴¹ Caso contrário, não terão estatuto testemunhal para anunciar um mundo novo possível, onde todo ser humano deve viver em paz e promovê-la e, cujos credos religiosos sejam instrumentais para essa finalidade. *Não é possível a paz entre os povos sem a paz entre as grandes religiões do mundo! E não há paz entre as grandes religiões sem a paz entre as Igrejas cristãs*.⁴² O Ecumenismo e o Diálogo inter-religioso são condições *sine qua non* para um mundo diferente, fundado numa ética universal e na Paz.

Assim, devo tomar o cuidado de não tornar fechada esta conclusão, mas chamar a atenção de que o conteúdo trinitário é fundamental para sentar-se à mesa com outras denominações religiosas. Todavia, a Igreja Católica não deve pretender ir ao seu encontro e impor o conteúdo trinitário, mas dele extrair todos os valores que esta emana e são importantíssimos para a comunhão e a unidade. Eis os desafio das religiões diante da Pós-Modernidade e do ser humano fruto dessa realidade.

⁴⁰ Cf. H. KÜNG, *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo, Paulinas, 1999. pp. 261-262.

⁴¹ Idem, p. 241

⁴² Idem, p. 261.

I T E S P

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

FILIADO AO PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO - ROMA

*Protocolo 450/81/8 da Congregatio Pro
Institutione Catholica*

O ITESP sonha ser uma **comunidade de reflexão teológico-crítico-criativa**. Nessa comunidade, todos os membros são convocados a participar no processo acadêmico pela fraternidade, solidariedade e compromisso com o estudo teológico e no empenho de vivência do Reino de Deus. Todos assumem o compromisso de fazer uma teologia séria, equilibrada e realista, fruto da vida em Igreja. É questão de justiça para com os participantes, para com as comunidades religiosas e para com a Igreja universal.

Partindo da realidade latino-americana, opta-se por julgá-la com os critérios da revelação na Bíblia e na Tradição eclesial, respondendo aos apelos de Deus que se fazem através das pessoas e dos fatos. Visa-se desenvolver a prática de uma teologia, que evitando o monolitismo radical, assuma o respeito a uma ciência teológica mais pluralista e universal.

1. Curso de graduação em Teologia

Para formação de religiosos, presbíteros.

1.1. Seguindo todo o currículo, com duração de quatro anos, recebem *Diploma de Curso Seminarístico*.

1.2. Submetendo-se às exigências suplementares do Ateneu Santo Anselmo, Roma, receberão o *Diploma de Bacharelato*.

Pré-requisitos: Curso completo de filosofia e inscrição aprovada.

2. Curso de teologia para religiosos e leigos

Currículo de quatro anos completos durante o mês de Janeiro, no Colégio Emilie de Villeneuve com certificado final.

Pré-requisitos: Preparação religiosa suficiente, inscrição aprovada com trabalho científico final.

3. Alunos ouvintes:

Participam de *reciclagem* organizada ou *participação* livre em cursos escolhidos, com certificado final.

Pré-requisitos: formação adequada, inscrição e programa aprovados a critério da direção do Instituto.

Para informação:

Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)

Rua Dr. Mário Vicente, 1108 (Ipiranga)

04270-001 SÃO PAULO, SP